



ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS AUTISTAS

GUIA COM ESTRATÉGIAS DA ANÁLISE
DO COMPORTAMENTO APLICADA PARA
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL



Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

R696a Rodrigues, Rodrigo Nery

Alfabetização de alunos autistas: guia com estratégias da análise do comportamento aplicada para professores da educação infantil. / Rodrigo Nery Rodrigues, Leopoldo Barbosa. – Recife: Do Autor, 2024.
51 f.

Guia

ISBN: 978-65-6034-126-5

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Alfabetização. 3. Inclusão escolar.
I. Barbosa, Leopoldo. II. Título.

CDU 372.41:612.821

AUTORES



Rodrigo Nery Rodrigues

Pesquisador do IMIP; Sócio-diretor do Grupo Ampliar - Intervenção Comportamental. Psicólogo, Neuropsicólogo, Especialista em Análise do Comportamento, Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental.

psirodrigonery@gmail.com | (81) 99256-0460



Leopoldo Barbosa

Docente e Pesquisador do IMIP. Psicólogo, Doutor em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); PhD em Ciências da Saúde - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

leopoldo@fps.edu.br | (81) 3055-7777

SUMÁRIO

Apresentação	5
Transtorno do Espectro Autista	7
Mitos e verdades sobre o autismo	11
Inclusão escolar e autismo no Brasil	17
Dificuldades para a identificação de alunos autistas	19
Análise do Comportamento Aplicada ao contexto escolar.....	24
Estratégias de ABA para a identificação de alunos autistas	28
Considerações finais	49
Referências	



Apresentação

A alfabetização é uma etapa fundamental no desenvolvimento educacional de todas as crianças. Compreender as necessidades específicas de alunos autistas e aplicar estratégias eficazes é crucial para garantir o sucesso acadêmico.

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem terapêutica amplamente reconhecida que pode ser altamente benéfica para a alfabetização de crianças autistas.



Este guia faz parte do produto técnico de uma dissertação do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde, apresentada pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS),

e tem como objetivo fornecer orientações práticas e estratégias para professores da educação infantil, auxiliando-os na **aplicação da ABA** para promover a alfabetização de crianças autistas de forma eficaz e inclusiva.



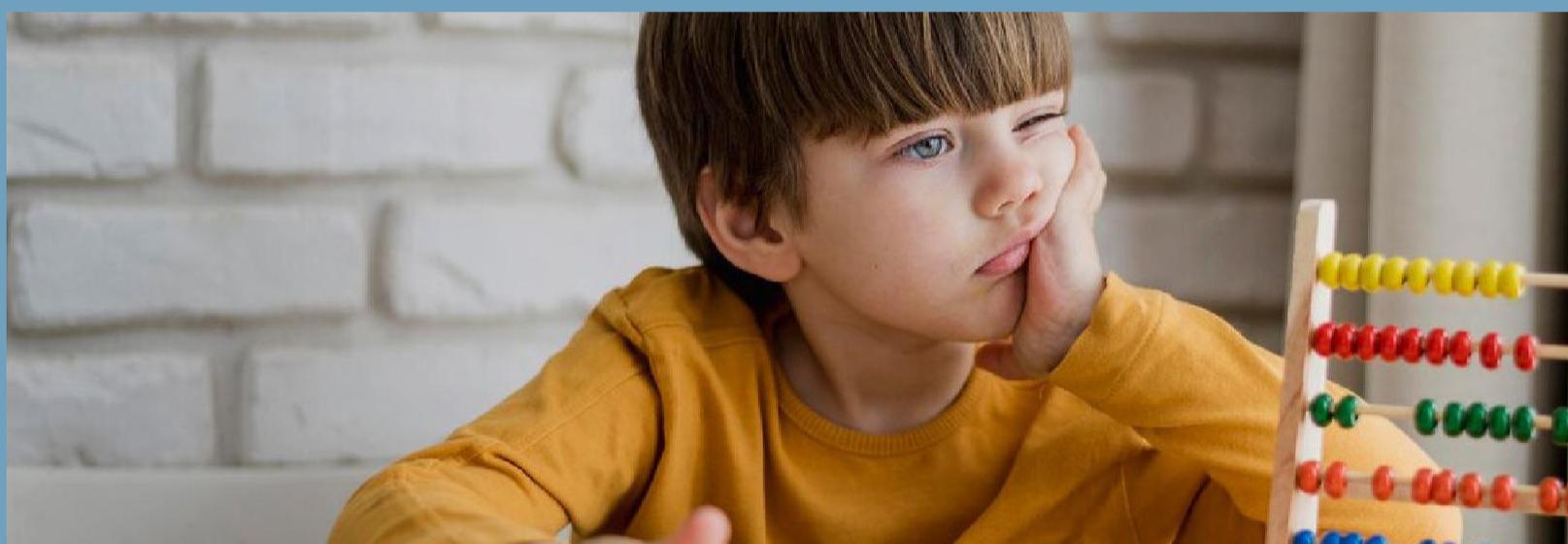
Transtorno do Espectro Autista

O **Transtorno do Espectro Autista (TEA)** é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento do cérebro e pode resultar em dificuldades nas áreas da comunicação, interação social e comportamental.

A quinta edição do **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- 5)** adotou o termo 'TEA' referindo-se aos quadros clínicos que são caracterizados por déficits na comunicação e socialização, e ainda com padrões de comportamento restritivos e repetitivos.



Além da variabilidade das características clínicas, o TEA também pode vir acompanhado de algumas comorbidades, como **epilepsia, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (TDI), alterações sensoriais, dentre outras.**



Sabe-se que quanto maior o número de comorbidades associadas ao quadro, mais comprometido estará o prognóstico. **O autismo é diagnosticado quatro vezes mais em meninos que em meninas.**



As características do TEA podem variar amplamente entre os indivíduos, se manifestando em um continuum de necessidades de suporte, classificado em três níveis de acordo com o DSM-5.

Indivíduos no nível 1 de suporte apresentam pouca necessidade de suporte nas suas atividades cotidianas, já no nível 2, necessitam de apoio considerável em diversas situações.



No nível 3, entende-se que a necessidade de suporte é muito significativa e marcante em toda a rotina da pessoa autista.



O suporte necessário pode incluir intervenções abrangentes e individualizadas em todas as áreas do funcionamento, com foco em comunicação funcional, habilidades sociais, comportamentos repetitivos e regulação emocional, além de suporte para atividades da vida diária.



Mitos e Verdades sobre o autismo



“Vacinas podem causar o TEA”.

Essa informação é completamente falsa. Não existe nenhuma comprovação científica que ligue o transtorno autista com vacinas utilizadas para imunização de crianças. Ainda hoje é comum ver pais e cuidadores com o receio de vacinar as crianças achando que isso pode causar autismo.



Inclusive, apesar de muitos estudos sobre o tema, ainda não temos nada que comprove exatamente sobre as causas do autismo. O que existem são estudos ligados à **genética e fatores ambientais**, principais fatores de risco quando falamos do transtorno.

Mitos e Verdades sobre o autismo



“A falta de carinho e amor é um fator para a criança desenvolver o TEA”.

Esse mito sobre autismo surgiu com a Teoria da Mãe-Geladeira, que afirmava que a falta de amor e carinho maternal é a causa do transtorno.

Isso foi algo ligado a uma afirmação do médico Leo Kanner que chamou a atenção ao dizer que “pessoas autistas teriam sido filhas de mães emocionalmente distantes”.

Os pais não têm culpa nenhum sobre o autismo em seus filhos, e o autismo não tem nada a ver com a falta de amor. Não existe nenhuma ligação com o emocional dos pais como resultado do diagnóstico de seus filhos.



Mitos e Verdades sobre o autismo



“Pessoas autistas não sentem empatia pelos outros”.

Embora uma das características mais marcantes do autismo seja a dificuldade na interação social, **isso não impede o desenvolvimento de relações e preocupação com os sentimentos dos outros.**



É comum que pessoas autistas apresentem dificuldade de nomear, expressar e demonstrá-las. Cada pessoa tem sua maneira de se expressar e trazer sentimentos, **isso não quer dizer que alguém é mais ou menos capaz em algo do que o outro.**

Mitos e Verdades sobre o autismo



“Qualquer intervenção é adequada para o tratamento do TEA”.

As terapias mais indicadas de tratamento para autismo são aquelas cujas práticas são **baseadas em evidências científicas**. Isso significa que os pesquisadores forneceram um nível aceitável de pesquisa que mostra que a prática produz resultados positivos para crianças, adolescentes e adultos autistas.



O autismo não é uma doença, por isso não existe cura, mas existem, sim, estratégias baseadas em evidências que auxiliam a pessoa a ter muito mais qualidade de vida. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é a ciência com mais robustez científica e a mais indicada para o acompanhamento de pessoas autistas.

Mitos e Verdades sobre o autismo



“Toda pessoa autista tem altas habilidades (superdotação).”.

Pessoas autistas muitas vezes apresentam interesses específicos – **que chamamos de hiperfoco**, o que contribui para a impressão de uma “superinteligência”.



Dizer e esperar que todos os autistas sejam superdotados ou muito inteligentes **é reforçar um estereótipo comum no imaginário**. Embora algumas possuam **habilidades excepcionais** em determinados assuntos, a gama de talentos no espectro é vasta e diversificada.

Reconhecer e apoiar os interesses individuais é mais importante do que categorizar todos os autistas sob uma única perspectiva.

Mitos e Verdades sobre o autismo



É importante criarmos espaços de diálogo e conscientização sobre o TEA, para que cada vez mais pessoas se sintam incluídas e possam compartilhar suas experiências, aumentando o contato de outros com o tema.



Desmistificar o autismo requer esforços contínuos em níveis educacionais, sociais e institucionais. Então, ao construir uma sociedade mais informada e inclusiva, podemos criar ambientes onde todas as pessoas, independentemente do seu neurodesenvolvimento, possam participar plenamente e contribuir de maneira significativa.

Inclusão escolar e autismo no Brasil

De 2022 a 2023, no Brasil, o número de crianças e adolescentes autistas matriculados em salas de aula comuns aumentou 50%: foi de 405.056 para 607.144, segundo dados do Censo de Educação Básica.



O Brasil não tem, por enquanto, estatísticas próprias sobre o número de cidadãos com autismo no país. Mas, nos EUA, o Centers for Disease Control and Prevention (CDC) calcula que 1 em cada 36 crianças de 8 anos seja autista.

Em 2000, essa estimativa era de 1 em cada 150 crianças. Esse crescimento na prevalência do transtorno está diretamente relacionado a um maior preparo dos profissionais de saúde para detectar casos de TEA.

É possível, portanto, que entre os 200 mil novos estudantes com autismo de 2022 para 2023, estejam crianças que já estavam matriculadas em 2021, mas ainda sem diagnóstico.

O aumento no número de matrículas mostra que há um melhor entendimento de que aceitar um aluno autista na escola não é nenhum favor. É uma obrigação legal. Tanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) quanto a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI 13.146/15) e a própria Constituição Federal determinam a educação como um direito de todas as pessoas.



De forma ainda mais específica, a Lei 12.764/12 estabeleceu a política nacional de proteção aos direitos da pessoa com transtorno do espectro autista. Essa lei proíbe que se negue a matrícula escolar à pessoa com TEA, sob pena de multa para a escola.

Dificuldades de alfabetização de alunos autistas

Um dos maiores obstáculos para que o estudante com TEA permaneça nos estudos e se desenvolva está na dificuldade dos gestores escolares em enxergá-lo como alguém que é integrante da escola, e não da educação especial.



Precisamos garantir o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem. O aluno deve frequentar as aulas, aprender e participar das atividades.

Incluir é muito mais do que colocar todas as pessoas na mesma sala de aula. Alguns obstáculos para que a alfabetização de alunos autistas aconteça nas escolas incluem:



Formação insuficiente de docentes e funcionários, que acabam indo atrás de preparo por iniciativa própria, sem apoio da escola ou do governo;



Falta de adaptação de atividades e aulas;



Desconhecimento sobre como agir diante de crises de agressividade e de outras situações que envolvem a sintomatologia do TEA;



Bullying.

O professor sem formação adequada no TEA muitas vezes acha que o aluno está na classe apenas para socializar. Então, se ele estuda ou não, tanto faz.



Atualmente, os cursos de pedagogia incluem disciplinas obrigatórias enfocando temas como deficiência e inclusão escolar. Em geral, são ementas bastante amplas, onde os conteúdos sobre o autismo compõem apenas uma pequena parte.

Durante sua trajetória profissional, os professores precisam da formação continuada (aquela que é feita ao longo da carreira do professor, mesmo depois da licenciatura), e ela não pode ser apenas sustentada por palestras.

Os melhores resultados de inclusão escolar e alfabetização de crianças autistas vêm de onde os docentes receberam preparo adequado para atuar com esses alunos.

Os profissionais da educação devem aprender, tanto na universidade quanto na formação continuada, como adaptar atividades para pessoas com deficiência, de que forma agir para prevenir crises de agressividade e como integrar os alunos com dificuldade de socialização, por exemplo.

Não existe uma fórmula pronta, até porque cada aluno com autismo é diferente do outro.



O ideal é que a escola tenha ao menos um profissional especialista em educação especial para orientar os demais professores e discutir com eles.

O importante é adaptar as atividades de acordo com as necessidades de cada aluno. É um desafio que aumenta no decorrer dos anos escolares, quando os conteúdos vão ficando mais abstratos.

Toda a turma deve estar envolvida no mesmo tema que está sendo trabalhado pelo docente, mesmo que com abordagens diferentes. Por exemplo: se todos do 6º ano estão aprendendo a fazer contas com algarismos decimais, **um aluno com deficiência que ainda não sabe somar pode ser desafiado a fazer um trabalho mais simples, também relacionado a números.**



Análise do Comportamento Aplicada ao contexto escolar

A ABA é uma ciência de aprendizagem que estuda os comportamentos humanos que são socialmente relevantes. Seu principal objetivo é entender, analisar e explicar as relações entre os comportamentos humanos com o ambiente e aprendizagem.

As intervenções baseadas em ABA visam ampliar o repertório comportamental do indivíduo e diminuir a frequência ou intensidade de comportamentos problemas, que são especificamente causados por eventos específicos e mantidos por suas consequências.



Muitas pessoas conhecem a ABA como um método ou terapia. No entanto, a forma mais correta de definir essa área, composta de pressupostos filosóficos, conceitos e técnicas, é ciência considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a melhor abordagem de intervenções para pessoas neurodivergentes, como no caso de pessoas autistas.

Adaptar estratégias da ABA nas escolas traz benefícios significativos, pois ajuda a moldar um ambiente educacional adaptado e inclusivo. Essa abordagem é baseada em princípios de reforço positivo, ensino estruturado, individualização e coleta sistemática de dados. Além disso, a ABA enfatiza o reforço positivo, o que incentiva os alunos a se envolverem ativamente no processo de aprendizagem.



Ao introduzir a Ciência ABA na escola, os educadores podem personalizar o currículo e as estratégias de ensino para atender às necessidades específicas dos alunos com TEA. Isso significa adaptar as atividades, o ambiente físico e as interações sociais para garantir que essas crianças se sintam seguras e engajadas.

Os princípios da ABA podem ser aplicados em diferentes contextos escolares, desde a sala de aula até o recreio, para promover o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e emocionais.



Os educadores podem utilizar técnicas de coleta de dados para monitorar o comportamento e o desempenho acadêmico, permitindo ajustes precisos nas intervenções aplicadas.

Essa abordagem baseada em dados contribui para uma abordagem mais individualizada, identificando as áreas de força e as dificuldades específicas do aluno e adaptando as estratégias para promover o crescimento contínuo.

Ao promover a inclusão e o aprendizado para os alunos com TEA, a ABA também beneficia toda a comunidade escolar. Ela promove a compreensão e a aceitação da diversidade, ensinando a valorização das diferenças individuais.

Além disso, ao implementar estratégias eficazes para alunos com TEA, a escola está fornecendo um ambiente mais inclusivo e equitativo para todos os estudantes, criando uma cultura de respeito e apoio mútuo.



Estratégias de ABA para alfabetização de alunos autistas

Alfabetização é um processo de aprendizagem visando ensinar uma pessoa a ler, escrever e interpretar a partir da compreensão do sistema alfabético, e parte de um processo cognitivo, onde há habilidades que precisam ser desenvolvidas em todas as pessoas, independente de idade ou da condição, que precedem a leitura e escrita.

Em muitos casos, as metodologias utilizadas nas escolas não consideram as particularidades de uma criança no espectro e o período maior que ela pode precisar para desenvolver determinadas habilidades, causando bastante frustração.



Assim como uma pessoa típica, cada criança com autismo funciona de uma forma e percebe o mundo de maneira diferente: algumas são mais visuais, outras se interessam mais por sons ou atividades manuais.

Com isso, o interessante é que os professores e pais façam testes, investiguem as principais dificuldades da criança, experimentem formas de apresentar um conteúdo e invistam no que houver maior adesão.



O uso de recompensas tangíveis ou sociais, como elogios ou pequenas conquistas, promove um ambiente motivador e positivo, no qual os estudantes se sentem encorajados a explorar novas habilidades e alcançar seus objetivos.

Consciência fonológica

A consciência fonológica é a capacidade de associar as letras aos seus sons. A dificuldade de organização e compreensão da linguagem são sintomas comuns em pessoas com TEA.

Por isso, quando o aluno é estimulado a parar e pensar que cada letra tem uma sonoridade própria, aquela informação começa a ficar mais organizada e o código alfabético começa a fazer mais sentido. Com isso, a habilidade de percepção e manipulação do som vai aumentando.



Princípio Alfabético

Esse princípio foca na percepção de que cada letra tem um símbolo e um som específico. O princípio alfabético envolve o reconhecer as letras do alfabeto, realizar a correspondência grafema–fonema, além de conhecer e produzir o som correspondente a um código gráfico (grafema/letra), tendo relação direta com a decodificação.

Se o aluno com autismo na escola ainda não conseguiu ser alfabetizado, é preciso dar um passo para trás e trabalhar duas habilidades essenciais: consciência fonológica e o princípio alfabético. Apenas com essa base bem estabelecida será possível avançar na leitura e escrita.



Instrução fônica6

A instrução fônica consiste no ensino de grafemas, relacionando os sons das palavras faladas com a ortografia. Isso auxilia ainda mais no desenvolvimento da consciência fonológica e facilita a aprendizagem leitura



Abordagem multissensorial

A abordagem multissensorial consiste em utilizar os sentidos para facilitar o processo de aprendizagem. As pessoas têm estilos de aprendizagem distintos.

Enquanto alguns são mais visuais e precisam desenhar ou escrever para aprender, outros aprendem melhor por meio dos sons, necessitando apenas da explicação falada pelo professor, por exemplo.



No processo de alfabetização, ao utilizar os sentidos, diferentes áreas do nosso cérebro serão acionadas. Isso trabalha as diferentes formas de aprender e ajuda a solidificar aquela nova informação.

Lembre-se: se a criança tem interesses restritos por algum tema, utilize isso no processo de alfabetização atividades adaptadas para alunos com autismo com base em seu interesse.

Se o interesse dela é por astronomia, por exemplo, prepare as aulas, imagens e atividades com o tema de planetas, estrelas e galáxias.



Aplicação de provas

Nos casos em que a aplicação de provas classificatórias for indispensável, é importante que elas sejam desenvolvidas de forma inclusiva para pessoas neurodivergentes.

Os professores precisam de atenção para a objetividade dos textos e perguntas, tomando cuidado com metáforas e tudo que exija imaginação fértil, já que crianças no espectro interpretam fielmente aquilo que se diz ou escreve. É importante que profissionais de apoio/ mediadores também estejam disponíveis na sala de aula.



Aplicação de provas

O uso de jogos para a alfabetização de alunos autistas pode trazer diversos benefícios, pois eles são uma forma lúdica e envolvente de aprendizado, que ajudam a motivar e manter o interesse das crianças.

A abordagem visual e prática das brincadeiras permite que os alunos aprendam de forma mais concreta e sensorial.

As brincadeiras em grupo auxiliam na eliminação de barreiras e permitem a participação de todos. Além disso, são excelentes para estimular a comunicação, a cooperação e a colaboração entre os alunos. Como sugestões, abaixo estão algumas brincadeiras.



Letras Saltitantes: Nesse jogo, as crianças têm que pular em letras gigantes no chão e dizer o som correspondente a cada caractere em que pisam. Isso ajuda a associar o som do elemento alfabético com sua forma escrita.

Quebra-Cabeças de Palavras: Utilize quebra cabeças com imagens e palavras relacionadas. As crianças devem montar o quebra-cabeça e, em seguida, ler ou soletrar a palavra correspondente. Isso ajuda a desenvolver a associação entre a palavra escrita e seu significado.

Bingo de Letras: Crie cartões de bingo com letras do alfabeto. À medida que você diz o som de uma letra, as crianças devem marcar o caractere correspondente em seus cartões. Esse jogo reforça o reconhecimento das letras e seus sons.



Caça ao Tesouro das Palavras: Esconda cartões com palavras escritas pela sala de aula ou em um espaço externo. As crianças devem procurar os cartões e ler as palavras quando os encontram. Isso torna a aprendizagem mais interativa e envolvente.

Memória das Letras: Crie pares de cartões com letras do alfabeto e vire-os com a face para baixo. As crianças devem virar dois cartões por vez, tentando encontrar pares correspondentes de letras. Isso ajuda a desenvolver o reconhecimento visual e a memória.

Montando Palavras: Use blocos de letras magnéticas ou peças de quebra-cabeças com letras para as crianças construírem palavras. Elas podem experimentar diferentes combinações de letras para formar palavras, facilitando a associação entre os sons e as letras.



O uso de suportes visuais

Suportes visuais são recursos utilizados para transmitir **informações por meio de elementos visuais**, tornando a comunicação mais acessível para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esses recursos podem incluir palavras escritas, símbolos, desenhos, fotografias, objetos tangíveis, agendas, diagramas, adesivos, painéis de instruções e quadros de programações diárias.



A escolha da ferramenta mais adequada pode variar de pessoa para pessoa. Alguns irão se adaptar melhor com desenhos, enquanto outros podem precisar de objetos reais para compreender a mensagem.

Os suportes visuais são muito úteis para explicar a rotina escolar, as etapas envolvidas na realização de determinadas atividades e as regras que a pessoa deve seguir em diferentes ambientes.

Essa abordagem não apenas facilita a comunicação, mas também reduz o estresse causado por tarefas inesperadas, promove a independência e a inclusão em atividades cotidianas.



Crianças autistas se beneficiam de um sistema bem estruturado. Portanto, os suportes podem ser utilizados para detalhar a rotina diária desde o momento em que o aluno chega na escola até a hora de sair, indicando a sala para cada aula e o horário de cada atividade, entre outros. Isso permite que a criança se adapte ao ritmo da escola e reduza o estresse causado por mudanças repentinas.

Também podemos utilizar o suporte visual para ilustrar todas as etapas envolvidas em uma atividade ou exercício. Isso possibilitará que a criança tenha autonomia e independência para executar o que foi proposto.

O ideal é que o professor mantenha os suportes visuais sempre à vista, possibilitando que o aluno no espectro faça escolhas, expresse seus sentimentos e necessidades. Deve-se evitar guardar esses recursos em gavetas ou outros locais inacessíveis às crianças.

Lembrete: é essencial que os suportes visuais mudem conforme a idade e estejam alinhados com as habilidades cognitivas de cada pessoa. Fotos reais ou suportes visuais mais discretos podem ser mais adequados para adolescentes, jovens e adultos no espectro.



Vantagens de utilizar esse recurso nas escolas:



Melhoria da comunicação e compreensão;



Facilita a socialização com os colegas;



Reforça a disciplina;



Facilita a percepção do tempo;



Concede à criança maior autonomia e independência para realizar as atividades;



Diminui o estresse e estereotípias.

Estratégias comportamentais

A utilização de estratégias comportamentais na escola contribui para uma aprendizagem significativa dos comportamentos apreendidos no mesmo contexto em que eles devem ser usados.

A escola também tem um papel importante para esse tipo de intervenção, pois é um lugar em que crianças com TEA poderão ter oportunidades de interação com seus pares com desenvolvimento típico.



Na sala de aula, é indicado que os professores utilizem estratégias e técnicas proativas de ensino, pois contribuem para a aprendizagem de novos comportamentos e habilidades.

As estratégias comportamentais mais utilizadas no ambiente escolar são: reforço positivo, rotina visual, dicas ou assistência, modelagem e estímulo aos pares. Abaixo, segue um exemplo prático de como incluir essas estratégias na rotina de sala de aula.

Caso de aplicabilidade das estratégias da ABA para alunos do 1º ano

Primeiramente, a professora realizava uma conversa inicial com toda a turma, incluindo os alunos com TEA, antecipando os combinados do momento da intervenção. Em seguida, ela apresentava a rotina visual com as atividades que seriam feitas naquele dia.

A rotina visual organizava e antecipava para os alunos as atividades que serão realizadas durante um período, sendo que essa antecipação ocorria por meio de imagens e fotos das tarefas, que eram fixadas em um painel com velcro e possibilitam possíveis mudanças e retirada das imagens após a atividade ter sido concluída.



Nesse momento, também era explicado o uso de um cartão chamado de “primeiro-depois” (baseado no Princípio Premack), o qual mostrava visualmente para a criança com TEA a tarefa (menos preferida) a ser executada para ter acesso a algo do seu interesse e altamente preferido (reforço positivo).

Esse cartão era apresentado em uma folha A4 plastificada, dividida verticalmente por uma linha, sendo que a professora colocava à esquerda a imagem que representava a atividade a ser realizada por todos e, à direita, uma atividade altamente preferida do seu aluno com TEA.

O objetivo era explicar visualmente para o aluno que primeiro ele precisava fazer a atividade da turma para depois ter acesso a uma atividade do seu interesse.



Por meio do cartão de “Primeiro-Depois”, o reforço positivo por atividade foi utilizado. O acesso a atividades altamente preferidas e emitidas com frequência pelas crianças foi utilizado como reforço para as atividades que raramente eles conseguem e preferem envolver-se.



O reforço positivo é uma prática recorrente utilizada pelos professores no contexto escolar e, também, pode envolver pontos extras e elogios, porém, para crianças com autismo, esses reforços podem não ser potentes o suficiente para fazê-los emitir comportamentos adequados.

É muito importante conhecer e priorizar os interesses e as necessidades das crianças com TEA, considerando que os reforços são idiossincrásicos para cada indivíduo.



Dessa forma, reforço positivo corresponde à adição de uma consequência que seja importante ou relevante para o indivíduo logo após ele manifestar um comportamento **(ou habilidade)** que se deseja ensinar, aumentando a probabilidade de o mesmo comportamento se repetir no futuro.

Também se priorizou a utilização de recursos visuais/concretos e sensoriais na execução das atividades, bem como a oferta de assistência para o estudante com autismo emitir as respostas solicitadas e, quando necessário, a apresentação de um modelo de como realizar a atividade (modelagem).

Os colegas recebiam incentivo verbal para interagir com o estudante com TEA. Outro recurso foi o uso do painel de comportamento, para fornecer feedback imediato aos comportamentos da criança com autismo, sinalizando com figuras de mãozinhas indicando positivo ou negativo os momentos em que estava emitindo comportamentos adequados ou não.

Isso era apresentado ao lado da foto da criança com autismo, momento em que a professora ia mudando as mãozinhas (positivo ou negativo) de acordo com o comportamento que a criança estivesse emitindo.

Por último, a professora fornecia feedback para a criança com TEA sobre sua participação nas atividades. Ressalta-se que a intervenção de cada participante foi personalizada de acordo com as suas características, necessidades e preferências.



Considerações finais

É comum que, ao desconhecerem práticas que auxiliem no processo de inclusão da criança com TEA na escola, os professores vivenciem sentimento de insegurança e impotência. Geralmente, o professor busca por experiências pessoais e dos colegas de trabalho, ou vai conduzindo o aluno por sua “intuição”, o que implica práticas de tentativa e erro.

Quando falamos de crianças com autismo, sabe-se que quanto mais cedo e pontual for a intervenção, maiores serão as chances de desenvolvimento e minimização dos sintomas do transtorno.

Em muitos casos, o acesso à educação é uma das únicas formas de intervenção com que esse público terá contato, visto que os serviços de atendimento aos indivíduos com autismo ainda são insuficientes no Brasil.



Por isso, os professores precisam e devem estar amparados com informações sobre “o quê” e “como fazer”diantedeseusalunoscomautismo,oportunizando acesso a uma educação de qualidade. Ressalta-se que esse conhecimento é importante já no processo de adaptação escolar da criança na escola, em que o vínculo e as metas positivas nesse primeiro momento podem refletir nos ganhos ou não ao longo do ano letivo.

Professores, vocês são a peça fundamental para que a inclusão de alunos neurodiversos aconteça em todas as esferas sociais. Parabéns pelo seu trabalho, que inspira e abre possibilidades diariamente na vida de todos os seus alunos.

Todos os direitos reservados. Proibida a venda ou transmissão deste material sem a autorização dos autores.



Considerações finais

Brasil. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 1988.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

Camargo, S. P. H. et al. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 36, e214220, 2020.

Cunha, Eugênio. Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 3 ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2015.

da Silva Barcelos, K., Martins, M. D. F. A., Betone, G. A. B., & Ferruzzi, E. H. Contribuições da análise do comportamento aplicada para indivíduos com transtorno do espectro do autismo: uma revisão. Brazilian Journal of Development, 2020

Duarte, C. P.; Silva, L. C.; Velloso, R. L. (Org.). Estratégias da análise do comportamento aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo. São Paulo: Memnon, 2018.



Considerações finais

Larcombe, T. J. et al. Preparing children with autism for transition to mainstream school and perspectives on supporting positive school experiences. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, [New York], v. 49, n. 8, p. 3073–3088, 2019. LEACH, D. *Bringing ABA into your inclusive classroom: a guide to improving outcomes for students with autism spectrum disorders*. Baltimore, MR: Paul H. Brookes Publishing Co., 2010.

Lemmon, K. H.; Green, V. A. Using video self-modeling and the peer group to increase the social skills of a preschool child. *New Zealand Journal of Psychology*, Wellington, New Zealand, v. 44, n. 2, p. 68–78, Sept. 2015.

Nunes, Débora R.P; Schmidt,, Carlo. Educação especial e autismo: das práticas baseadas em evidências à escola. *Cad. Pesqui.*,v.49, n.173, p. 84–104, 2019.

